



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE FARMÁCIA, ODONTOLOGIA E ENFERMAGEM
DEPARTAMENTO DE FARMÁCIA
CURSO DE FARMÁCIA

ALLYANNA APOLIANO LIMA

PREVALÊNCIA DA AUTOMEDICAÇÃO NO BRASIL: UMA REVISÃO

FORTALEZA, CEARÁ
2017

ALLYANNA APOLIANO LIMA

PREVALÊNCIA DA AUTOMEDICAÇÃO NO BRASIL: UMA REVISÃO

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Farmácia do Departamento de Farmácia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Farmácia.

Orientador: Prof. Dr. Cléber Domingos Cunha da Silva

FORTALEZA, CEARÁ

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- L696p Lima, Allyanna Apoliano.
Prevalência da automedicação no Brasil : uma revisão / Allyanna Apoliano Lima. – 2017.
36 f. : il.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Curso de Farmácia, Fortaleza, 2017.
Orientação: Prof. Dr. Cléber Domingos Cunha da Silva.
1. Automedicação. 2. Brasil. 3. Uso de medicamentos. I. Título.

CDD 615

ALLYANNA APOLIANO LIMA

PREVALÊNCIA DA AUTOMEDICAÇÃO NO BRASIL: UMA REVISÃO

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Farmácia do Departamento de Farmácia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Farmácia.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Cléber Domingos Cunha da Silva (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Ana Paula Soares Gondim
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Ms. Ana Cláudia de Brito Passos
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À Deus.

À minha mãe Francisca Elias

Aos meus irmãos Allyson e Pollyana

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, em primeiro lugar, a Deus, por me dá forças, saúde, coragem e fé durante esta longa caminhada.

À minha amada mãe Francisca dedico esta conquista por seu sacrifício, garra e abdicação em prol do meu aprendizado e futuro sucesso profissional. Aos meus irmãos Allyson e Pollyana por estarem comigo nesse momento e apoiarem a minha escolha. Obrigada pela preocupação, carinho e por toda ajuda nessa árdua caminhada.

À todos que compõem a Farmácia Escola pelo imenso aprendizado que me proporcionaram durante minha vida acadêmica.

Aos meus queridos amigos, que sem eles nada teria sido possível. Obrigada pela força, carinho, amizade, ajuda e por estarem ao meu lado em todos os momentos, inclusive os mais difíceis.

Ao Professor e orientador Cléber Domingos, pelo suporte ao pouco tempo que lhe coube, pela orientação, ajuda, paciência, direcionamento e confiança em mim depositada, indispensáveis para realização desse trabalho.

Aos professores da graduação pela dedicação e conhecimentos compartilhados, fundamentais no meu crescimento profissional.

E a todos que participaram da minha vida acadêmica direta ou indiretamente, que torcem pelo meu sucesso profissional, o meu muito obrigada.

RESUMO

A automedicação é a prática de utilizar medicamentos sem prescrição, consistindo na escolha e uso de medicamentos para tratar doenças ou sintomas autodiagnosticados. É definida pelo uso de pelo menos um medicamento que não tenha sido prescrito por médico ou dentista, isto é, indicado por farmacêutico, balconista de farmácia ou outras pessoas. Trata-se de uma prática comum que pode trazer efeitos indesejáveis, agravos e/ou mascaramento de doenças, interações farmacológicas entre medicamentos e os erros nas doses, pode levar a intoxicações ou até envenenamento. A presente pesquisa busca realizar uma análise das problemáticas em torno da automedicação através da identificação da prevalência da automedicação no Brasil, se propondo a realizar uma revisão bibliográfica através de estudos encontrados em uma base de dados eletrônica científica. Foi realizada uma revisão de literatura no período de maio a junho de 2017, por dois pesquisadores independentes, na base de dados eletrônica Scientific Electronic Library (SCIELO), utilizando o descritor: Automedicação AND Brasil. Foram considerados elegíveis os artigos publicados entre janeiro de 1997 a junho de 2017, artigos que tiveram acesso aberto - texto completo gratuito, em qualquer idioma, realizados no Brasil com foco na automedicação. Excluíram-se duplicatas, artigos de revisão, editoriais, comunicação rápida, resenha de livro e relato breve. Dois pesquisadores avaliaram os artigos obtidos, utilizando os critérios de elegibilidade e exclusão predefinido, não havendo discordâncias entre eles. Dos 92 estudos encontrados, 17 atenderam aos critérios de seleção e exclusão, apresentando-se de forma bastante heterogênea: 9 estudos transversais, 3 estudos descritivos, 2 estudos de corte transversal, 2 estudos epidemiológicos e 1 estudo observacional. Os estudos concentraram-se em sua maioria na região Sul e Sudeste. Como resultado encontrou-se que a automedicação foi de 10 a 35% para a população adulta, 8% em idosos, 16% em gestantes em pré-natal, 75% em crianças e 76% entre os estudantes universitários. O perfil da automedicação são: adultos jovens (maioria do sexo feminino, com idade entre 16 e 45 anos, com maior escolaridade e renda), crianças (automedicadas pelas mães, sendo administrado principalmente analgésicos, antipiréticos e anti-inflamatórios) e estudantes universitários (mulheres, com idade entre 18 a 29 anos, da área da saúde). Os medicamentos utilizados foram: analgésicos, antipiréticos e anti-inflamatórios, sendo os motivos para seu uso: cefaleia, gripe, enxaqueca, mialgia, febre não especificada, resfriado comum e dorsalgia não especificada. Conclui-se que nos últimos 20 anos, houve um acréscimo na prevalência da automedicação na população brasileira, mas o perfil das pessoas que fazem uso de medicamentos sem prescrição não mudou.

Palavras-chaves: Automedicação. Brasil. Uso de medicamentos.

ABSTRACT

Self-medication is the practice of using over-the-counter medications, consisting of the choice and use of medications to treat self-diagnosed illness or symptoms. It is defined by the use of at least one drug which has not been prescribed by a doctor or dentist, this is, indicated by a pharmacist, pharmacy clerk or other persons. It is a common practice that can bring about undesirable effects, aggravation and / or masking of diseases, pharmacological interactions between medications and errors in doses, can lead to intoxication or even poisoning. The present research seeks to perform an analysis of the problems related to self-medication through the identification of the prevalence of self-medication in Brazil, proposing to perform a bibliographic review through studies found in a scientific electronic database. A review of the literature was carried out between May and June 2017 by two independent researchers, using the Electronic Electronic Library (SCIELO) electronic database, using the descriptor: Automedicação AND Brasil. Articles published between January 1997 and June 2017, articles that had open access - free complete text in any language, made in Brazil with a focus on self-medication, were considered eligible. Duplicates, review articles, editorials, quick communication, book review and short story were excluded. Two researchers evaluated the articles obtained, using the predefined eligibility and exclusion criteria, and there were no disagreements between them. Of the 92 studies found, 17 met the criteria of selection and exclusion, presenting a very heterogeneous form: 9 cross-sectional studies, 3 descriptive studies, 2 cross-sectional studies, 2 epidemiological studies and 1 observational study. The studies were mainly concentrated in the South and Southeast regions. As a result, self-medication was found to be 10 to 35% for the adult population, 8% for the elderly, 16% for pre-natal pregnant women, 75% for children and 76% among university students. The self-medication profile is: young adults (mostly female, aged between 16 and 45 years old, with higher schooling and income), children (self-medicated by mothers, mainly administered analgesics, antipyretics and anti-inflammatories) and university students (Women aged 18 to 29 from the health area). The drugs used were: analgesics, antipyretics and anti-inflammatories, and the reasons for its use were: headache, influenza, migraine, myalgia, unspecified fever, common cold and unspecified dorsalgia. It is concluded that in the last 20 years, there has been an increase in the prevalence of self-medication in the Brazilian population, but the profile of people who use non-prescription drugs has not changed.

Keywords: Self-medication. Brazil. Use of medications.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	OBJETIVOS.....	12
2.1	Objetivo geral.....	12
2.2	Objetivos específicos.....	12
3	REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
4	METODOLOGIA.....	18
4.1	Delineamento do estudo	18
4.2	Local do estudo	18
5	RESULTADOS.....	20
6	DISCUSSÃO	28
7	CONCLUSÃO.....	32
8	REFERÊNCIA.....	33

1 INTRODUÇÃO

A automedicação é a prática de utilizar medicamentos sem prescrição, consistindo na escolha e uso de medicamentos para tratar doenças ou sintomas autodiagnosticados, podendo ser entendido como um autocuidado. É um problema de saúde pública, e estima-se que pelo menos metade dos medicamentos sejam prescritos ou vendidos de forma inadequada e, destes, cerca de 50% são consumidos de forma inapropriada pela população (GOULART, 2012).

Segundo Schmid, Bernal e Silva (2010), a automedicação é definida pelo uso de pelo menos um medicamento que não tenha sido prescrito por médico ou dentista, isto é, indicado por farmacêutico, balconista de farmácia ou outras pessoas.

Prolungatti et al. (2014) identifica várias maneiras de praticar a automedicação, dentre elas estão: adquirir medicamentos sem receita, compartilhamento com outros membros da família, utilização de sobras de prescrições anteriores, reutilizar antigas receitas para compra de novos medicamentos e descumprir a prescrição profissional, prolongando ou interrompendo precocemente a posologia.

O hábito de se automedicar pode ocasionar danos à saúde, dentre eles estão o surgimento de efeitos indesejáveis, agravos e mascaramento das doenças, interações farmacológicas entre medicamentos, erros nas doses que podem levar a intoxicações e envenenamento (PROLUNGATTI et al., 2014).

A automedicação é uma prática considerada irracional, uma prática que pode acarretar riscos à saúde dos que fazem emprego de medicamentos, já que a princípio este uso não está ancorado em justificativas validadas por um especialista, por um profissional com habilidades de definir a necessidade ou não de se recorrer a medicamentos com a finalidade de se obter a cura ou o alívio de sintomas (KOVACS; BRITO, 2006).

São inúmeros os fatores que favorecem o uso irracional de medicamentos, como a prática de venda indiscriminada de medicamentos pelas farmácias, a propaganda de medicamentos na mídia, um sistema de saúde precário e custo elevado dos planos privados de saúde e das consultas particulares. (SCHMID; BERNAL; SILVA, 2010)

Estudos têm demonstrado que a prática da automedicação é muito comum no Brasil, chegando a uma porcentagem 46% para a população adulta (GALATO; MADALENA; PEREIRA, 2012). Para Goulart et al. (2012), isto é resultado do livre comércio de medicamentos, do uso abusivo por conta própria, da falta de fiscalização, do incentivo à medicalização por parte dos fabricantes e do próprio impulso do ser humano em consumir medicamentos.

Através de Arrais et al. (1997), um dos primeiros grandes estudos sobre a automedicação no Brasil foi publicado, ou seja, exatamente há 20 anos. Um marco histórico dentro dos estudos de utilização de medicamentos. Desde essa data outros estudos foram realizados. Com a pretensão de realizarmos uma análise das problematizações em torno dessa temática, o presente estudo se propõe a realizar uma revisão em uma das principais bases da literatura científica brasileira, apoiando-se no pressuposto que esse olhar retrospectivo sobre os últimos 20 anos nos possibilite compreender as principais mudanças ocorridas no Brasil, bem como os desafios dos profissionais de saúde e da sociedade no enfrentamento de seus problemas de saúde.

A princípio acredita-se, ao menos é o que encontramos no imaginário de muitos grupos sociais, que a automedicação é uma prática associada a ignorância sanitária, às interferências comerciais dos laboratórios farmacêuticos, à formação insuficiente dos profissionais de saúde, dentre outros (ANÔNIMO, 2001). Não sabemos ainda, em que medida esses preconceitos encontram-se presentes à essa prática, não sabemos tão pouco a contribuição isolada de cada um e se encontram-se associados.

Considerando o cenário influente da indústria farmacêutica no Brasil e o fato das pessoas utilizarem cada mais os medicamentos por conta própria, através do questionamento “qual a prevalência da automedicação no Brasil e que fatores estão associados a essa prática?” este estudo visa abordar a prevalência da automedicação e a problemática a ela relacionada com suas possibilidades e limites.

A escolha da temática: prevalência da automedicação no Brasil, decorreu da necessidade de uma discussão e de uma melhor compreensão das questões que envolvem a prática da automedicação e seus riscos para a saúde da população. Eis, portanto, nosso desafio, que pretendemos afrontar por uma revisão bibliográfica.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Identificar, com base nas evidências científicas, a prevalência da automedicação no Brasil.

2.2 Objetivos Específicos

Avaliar a automedicação no Brasil e os fatores relacionados.

Descrever os tipos de estudos realizados sobre automedicação no Brasil

3 REFERENCIAL TEÓRICO

O uso dos medicamentos na sociedade

Desde o aparecimento dos primeiros anti-infecciosos entre 1930 e 1940, a terapêutica medicamentosa vem progredindo de modo significativo, influenciando fortemente a redução de morbidade e mortalidade ao longo do século XX. Também foi nesse período, que o medicamento deixou de ser somente um instrumento de intervenção terapêutica para transforma-se aos olhos da sociedade em um elemento técnico e simbólico (LEITE; VIEIRA; VEBER, 2008).

O medicamento atualmente é um símbolo de saúde, mas a crença, que persiste há anos, de que proporciona a cura das mais diversas doenças através de cápsulas ou pílulas é equivocada (TELLES FILHO; PEREIRA JÚNIOR, 2013). Os medicamentos são produtos que desempenham papel fundamental na proteção e recuperação da saúde e a utilização dos mesmos pela população é elevada, sendo influenciada por vários fatores como o aumento da expectativa de vida da população e com isso o aumento das doenças crônicas, o surgimento de novas e o reaparecimento de velhas doenças, o aumento da prevalência de doenças relacionadas ao humor e estresse, os elevados investimentos realizados por parte do governo para garantir o acesso da população aos serviços de saúde. Mesmo diante dos avanços tecnológicos no campo sanitário, ainda persistem dificuldades de acesso, baixa qualidade e demora do atendimento nos serviços de saúde, acrescentando-se a esses aspectos a veiculação de propagandas de medicamentos na mídia, a guarda de pequena variedade de medicamentos nos domicílios e o mito de que os medicamentos resolvem tudo, constituindo assim fatores importantes para a automedicação (ARRAIS et al., 2016).

A automedicação e seus fatores associados.

A prática da automedicação é bastante difundida não apenas em nosso país, mas também no mundo todo e é por isso que em alguns países que possuem um sistema de saúde pouco estruturado, a ida à farmácia reflete a primeira opção procurada para resolver um problema de saúde e a maior parte dos medicamentos que são consumidos pela população é vendido sem prescrição médica. Dados europeus mostram que, em média, 5,6 pessoas fazem uso indevido de algum tipo de medicamento por farmácia durante uma semana (ANÔNIMO, 2001).

Lopes (2001) declara, que a automedicação é uma prática em crescimento nas sociedades europeias, cuja proporção está estimada em 30,0% da totalidade dos medicamentos utilizados. Ele também relata que em Portugal, registrou-se essa tendência de crescimento com respeito a automedicação. Apesar de não ser um fenômeno exclusivo da modernidade, pois foi, desde sempre, um dos recursos leigos na gestão dos problemas de saúde, a automedicação com as suas atuais dimensões conferem-lhe novos contornos.

Segundo Domingues et al. (2015), o Brasil é um dos principais países consumidores de medicamentos, onde o setor farmacêutico é composto por empresas que trabalham diretamente com a produção, distribuição e venda de medicamentos. Possui uma proporção de 3,3 farmácias para cada 10 mil habitantes, sendo esse número três vezes maior que o valor preconizado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), recomendando uma farmácia para cada 10 mil habitantes. Assim, a ampla disponibilidade e acesso aos medicamentos aumenta a possibilidade do uso irracional dos mesmos.

Em nosso país destaca-se uma perspectiva que merece precaução, já que uma lista de 73 medicamentos genéricos, muitos deles isentos de prescrição, é cedido gratuitamente ou com descontos de até 90% à população, através do programa do governo intitulado Farmácia Popular. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) em uma recente medida permite que todas as farmácias comercializem medicamentos isentos de prescrição através das gôndolas fora do balcão e sem limites de quantidade para compra. Como atenuante a essa medida, obriga farmácias a fixarem cartazes com as seguintes orientações: “Medicamentos podem causar efeitos indesejados, evite a automedicação. Informe-se com o farmacêutico” (OLIVEIRA; ROCHA; ABREU, 2014).

O padrão de consumo de fármacos no Brasil é fortemente influenciado pela falta de controle, o que leva ao consumo abusivo e irracional desses produtos, e venda livre, mesmo para aqueles que necessitam do receituário médico (PROLUNGATTI et al., 2014).

Para Domingues et al. (2015), dados da OMS descrevem que 50,0% de todos os medicamentos utilizados são prescritos, dispensados e vendidos incorretamente, e metade dos pacientes os utilizam de forma equivocada.

A automedicação é um modo de autocuidado com a saúde, compreendida como a seleção e uso de medicamentos para manutenção da saúde, prevenção e tratamento de doenças ou sintomas percebidos pelas pessoas, sem a prescrição, orientação ou o acompanhamento do médico, farmacêutico ou dentista e é uma prática comum na população brasileira. Fatores como as experiências positivas em utilizações anteriores, a familiaridade com o medicamento, a

função representativa que os medicamentos exercem sobre a população, e a dificuldade de acesso aos serviços de saúde, contribuem para a automedicação (OLIVEIRA et al., 2012).

Os riscos e benefícios da automedicação.

Para Gama e Secoli (2017), a prática da automedicação é constante em numerosos grupos etários e em diversas culturas, descreve que próprio indivíduo seleciona e utiliza de maneira espontânea algum medicamento o qual considera adequado para resolver um problema de saúde e que a utilização dessa prática de forma inapropriada pode ocasionar diversos riscos, dentre os quais: interações medicamentosas, resistência antimicrobiana, reações adversas a medicamentos, possível mascaramento de doenças evolutivas. Os fatores que induzem a automedicação apontam experiência anterior com o sintoma ou a doença, a crença de que possuem conhecimento sobre doença, contenção de recursos financeiros utilizados para cuidar da saúde, não possuir tempo suficiente para buscar o auxílio médico, além da existência dos fatores associados a esta prática que inclui pessoas do sexo feminino, com faixas etárias mais elevadas, que realizam de atividade física, fazem consumo de bebidas alcoólicas e possuem assistência de saúde privada.

Discute-se, se um certo grau de automedicação seria desejável, pois dessa forma contribuiria para diminuir a utilização, muitas vezes desnecessária, de serviços de saúde já que dos 160 milhões de brasileiros, 120 milhões destes não possuem plano privado de assistência à saúde. Assim, reforçam-se as diversas razões pelas quais as pessoas se automedicam e alguns dos motivos que levam as pessoas a utilizarem o medicamento que estão ao seu alcance são: a propaganda intensa de determinados medicamentos opõe-se com as acanhadas campanhas que visam esclarecer os perigos da automedicação, a dificuldade e o custo de se obter uma consulta médica, o poder prescritivo que é limitado e restrito a poucos profissionais de saúde, informações sobre medicamentos muitas vezes inadequadas obtidas através da internet ou em outros meios de comunicação, a falta de regulamentação e fiscalização daqueles que vendem e a falta de projetos ou programas educativos sobre os efeitos da automedicação (ANÔNIMO, 2001).

Ao se tratar de automedicação responsável e autocuidado, quando há necessidade de medicamentos, o farmacêutico possui um papel importante na assistência para identificar a melhor intervenção disponível para o paciente e dentre as intervenções, pode haver o encaminhamento a outro profissional de saúde, a sugestão de uma terapia não-farmacológica diferente, ajudar a escolher um medicamento isento de prescrição garantindo que ele seja

utilizado de forma correta. Sendo assim, a automedicação responsável promove o uso racional de medicamentos. Contudo, para assegurar uma automedicação responsável, é necessário que as farmácias tenham ações padronizadas para um determinado procedimento de atendimento ao paciente, de modo a conduzir os cuidados corretamente e como exemplo dessa iniciativa tem-se a União Europeia, que desenvolveu protocolos para pequenos distúrbios que ajudam na entrevista e nas etapas para de tomada de decisão (GALATO et al., 2009).

A automedicação é geralmente realizada com os medicamentos isentos de prescrição (MIP'S), que são os medicamentos liberados para venda sem a necessidade de prescrição médica e geralmente são os: analgésicos, antitérmicos, anti-inflamatórios não hormonais, descongestionantes nasais, laxantes e antieméticos. Além destes, os fitoterápicos, medicamentos produzidos à base de plantas, também são vendidos e utilizados livremente (OLIVEIRA; ROCHA; ABREU, 2014).

Dentre as classes de medicamentos, os analgésicos são o grupo utilizado com maior frequência na automedicação, o que foi observado em outros estudos brasileiros. O consumo inadequado de analgésicos por automedicação costuma preencher um lugar de destaque entre os idosos, considerando que a sua utilização está relacionada ao tratamento da dor e inflamação, sintomas comumente sentidos pela população idosa (SANTOS et al., 2013).

O papel do farmacêutico no contexto da automedicação.

O Ministério da Saúde, preocupado com o uso indiscriminado dos medicamentos, criou o Comitê Nacional para a Promoção do Uso Racional de Medicamentos, que desenvolve ações estratégicas para ampliar o acesso da população à assistência farmacêutica e melhorar a qualidade/segurança na utilização dos medicamentos (AQUINO, 2008).

A assistência farmacêutica são ações desenvolvidas pelo farmacêutico e por outros profissionais da saúde, voltadas para a promoção, proteção e recuperação da saúde, sendo o medicamento o insumo essencial e visando o seu acesso e uso racional. O uso racional de medicamentos se insere dentro da assistência farmacêutica (BRASIL, 2007).

Atualmente, a automedicação orientada por intermédio do profissional farmacêutico é vista como uma realidade que não pode ser revertida além de ser considerada como parte integrante dos sistemas de saúde. Essa prática permite uma maior independência por parte da população nos cuidados com sua própria saúde, além de contribuir com os governos na medida em que evita um número insustentável de consultas médicas. É perceptível a inclusão do farmacêutico no processo de automedicação responsável, que dentro de suas competências, é o

profissional capacitado para prestar assistência farmacêutica, visando conscientizar o paciente que os medicamentos sendo utilizados corretamente e sob orientação médica propiciam alívio de males que afetam a sua saúde (SOUSA; SILVA; S. NETO, 2008).

Ainda que a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) possua regulamentação para a propaganda e venda de medicamentos sem prescrição médica, não existe uma efetiva regulamentação e nem orientação para as pessoas que os utilizam. O fato do paciente poder obter um medicamento que não necessita de prescrição, não o permite fazer o uso indevido do mesmo, utilizando por conta própria, na dose e na hora que achar conveniente (ANÔNIMO, 2001).

De uma maneira geral, as soluções propostas para reverter ou minimizar este quadro devem passar pela educação e informação da população, maior controle na venda com e sem prescrição médica, melhor acesso aos serviços de saúde, adoção de critérios éticos para a promoção de medicamentos, retirada do mercado de numerosas especialidades farmacêuticas carentes de eficácia ou de segurança e incentivo à adoção de terapêuticas não medicamentosas (AQUINO, 2008).

Nesse contexto, salienta-se a importância de educar de forma crítica os profissionais da área da saúde, de modo que estes profissionais se tornem disseminadores de informações quanto ao uso racional de medicamentos, evidenciando o risco da automedicação. É substancial que esses profissionais disponibilizem seus conhecimentos, durante a orientação aos pacientes e dispensação de medicamentos, de forma adequada e segura, fortalecendo o consumo consciente dos medicamentos, bem como o elevado potencial de gravidade da automedicação (TELLES FILHO; PEREIRA JÚNIOR, 2013)

4 METODOLOGIA

4.1 Delineamento do estudo

Foi realizado um estudo bibliográfico tipo revisão de literatura, utilizando parte do método proposto por Gonçalo et al. (2012), que divide uma revisão nas seguintes etapas: identificação do tema; questão de pesquisa; delineamento da pesquisa; condução de buscas independentes; identificação dos achados; aplicação dos critérios de seleção dos achados e justificção das possíveis exclusões; avaliações independentes dos textos completos; análise crítica e avaliação dos estudos incluídos; extração e organização dos achados; e análise, interpretação e discussão dos achados.

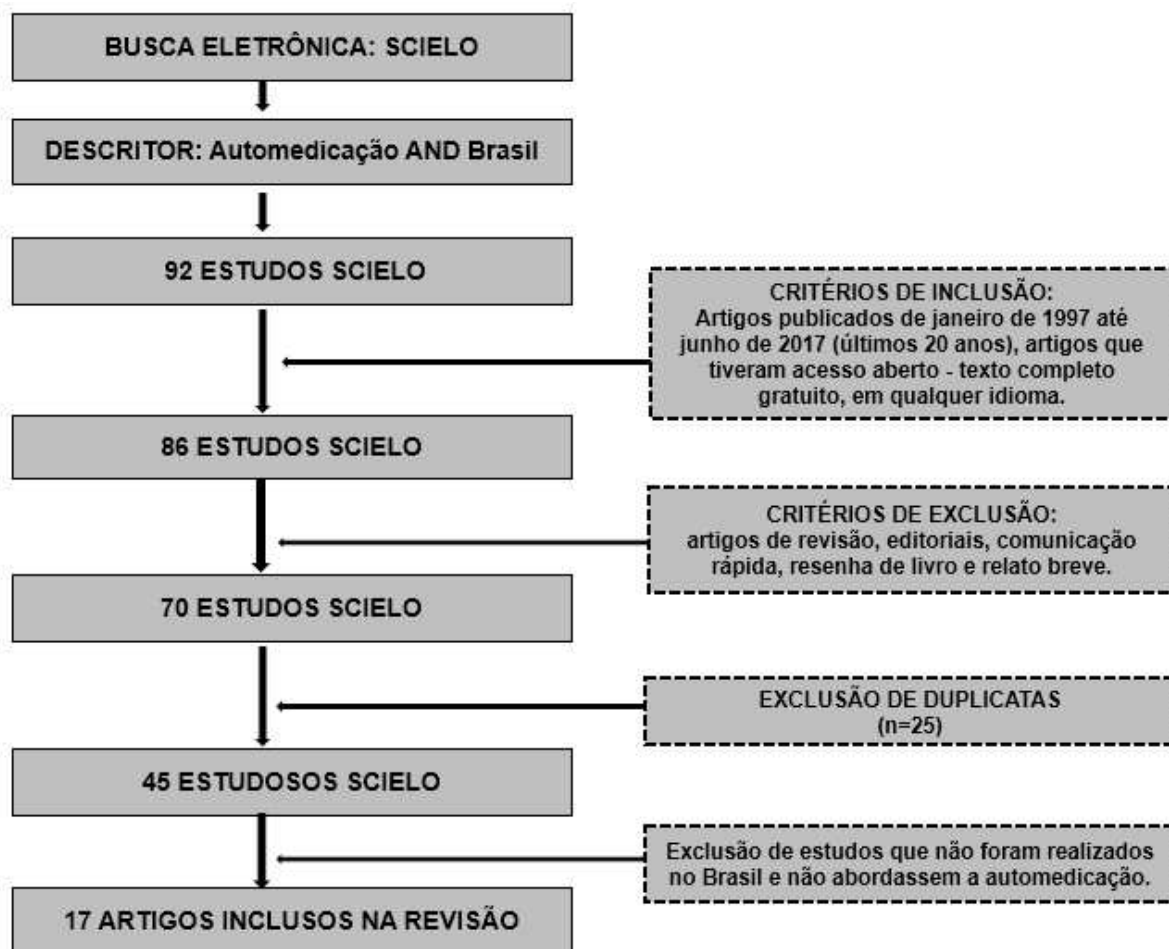
4.2 Dados do estudo

A seleção dos artigos foi realizada no período de maio a junho de 2017, por dois pesquisadores independentes. Dado as limitações de tempo, elegeu-se a base de dados eletrônica Scientific Electronic Library (SCIELO), pois trata-se da base mais importante no Brasil e América Latina, utilizando o descritor: “Automedicação” AND “Brasil”. Para a efetivação da busca foram aplicados os critérios de seleção e critérios de exclusão.

Foram considerados elegíveis os estudos que preenchessem os seguintes critérios: artigos publicados entre janeiro de 1997 a junho de 2017 (últimos 20 anos), artigos que tiveram acesso aberto - texto completo gratuito (devido à escassez de recursos dos pesquisadores), em qualquer idioma, realizados no Brasil e com foco na automedicação. Excluíram-se duplicatas, artigos de revisão, editoriais, comunicação rápida, resenha de livro e relato breve. De maneira independente, os dois pesquisadores avaliaram os artigos obtidos, utilizando os critérios de elegibilidade e exclusão predefinido, não havendo discordâncias entre eles.

Após a seleção dos artigos n=17 (Figura 1), todos foram lidos na íntegra por um dos pesquisadores. Após a leitura e análise, os artigos foram tabulados mediante características identificadas como relevantes para a revisão, considerando os seguintes itens: nome do autor, ano de publicação, local, tipo de estudo, participantes, resultados e conclusão do estudo.

Figura 1. Fluxograma do processo de busca e seleção dos estudos inseridos na revisão.



5 RESULTADOS

Dos 92 estudos encontrados, 17 estudos atenderam aos critérios de seleção e exclusão, conforme ilustrado a seguir no Quadro 1.

Os artigos se apresentaram de forma bastante heterogênea. Dos 17 artigos selecionados, 9 foram estudos transversais, 3 estudos descritivos, 2 estudos epidemiológicos, 2 estudos de coorte e 1 estudo observacional. Os estudos foram conduzidos entre os anos de 1997 a 2017, no Brasil, nos seguintes estados: Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, Goiás, Rio Grande do Norte, Amazonas e Distrito Federal, se concentrando dessa forma, em sua maioria nas regiões Sul e Sudeste, locais com maior demanda e desenvolvimento na área de pesquisa.

Verificou-se que a automedicação, com base nos estudos selecionados nesta investigação, teve prevalência 10 a 35% para a população adulta, 8% em idosos, 75% em crianças, 76% entre os estudantes universitários e 16% em gestantes em pré-natal. O perfil das pessoas que realizam essa prática são: adultos jovens (maioria do sexo feminino, idade entre 16 e 45 anos, com maior escolaridade e renda); crianças (são automedicadas pelas mães, avós ou responsáveis, sendo administrado principalmente analgésicos, antipiréticos e anti-inflamatórios) e estudantes universitários (mulheres, com idade entre 18 a 29 anos, da área da saúde).

Os medicamentos mais utilizados foram: analgésicos, antipiréticos e anti-inflamatórios, sendo os mais utilizados a dipirona sódica, o paracetamol, o ácido acetilsalicílico (AAS) e o diclofenaco. Os motivos para seu uso foram: cefaleia, gripe, enxaqueca, mialgia, febre não especificada, resfriado comum e dorsalgia não especificada.

Quadro 1. Artigos selecionados para avaliação (n=16).

Autor / ano	Título do estudo	Local	Tipo de estudo	Participantes	Objetivo	Resultados	Conclusão
Arrais et al., 1997	<i>Perfil da automedicação no Brasil.</i>	Brasil.	Estudo transversal	4.174 pessoas que responderam a um questionário.	Traçar um perfil da automedicação através da análise da procura de medicamentos em farmácias sem prescrição médica ou aconselhamento do farmacêutico e/ou de balconista.	Foram solicitadas 5.332 especialidades farmacêuticas (785 diferentes princípios ativos), sendo 49,5% combinações em dose fixas, 53% de valor intrínseco não elevado, 44,1% sujeitos a prescrição médica, 71% não essenciais e 40% baseados em prescrições médicas anteriores. Os medicamentos mais solicitados foram analgésicos (17,3%), descongestionantes nasais (7%), anti-inflamatório/antirreumáticos e anti-infecciosos de uso sistêmico, ambos com 5,6%.	A automedicação no Brasil reflete as carências e hábitos da população, é consideravelmente influenciada pela prescrição médica e tem a sua qualidade prejudicada pela baixa seletividade do mercado farmacêutico.
Vilarino et al, 1998	<i>Perfil da automedicação em município do Sul do Brasil.</i>	Santa Maria (RS)	Estudo transversal	413 pessoas foram entrevistadas acerca do consumo de medicamentos no último mês.	Caracterizar o usuário de medicamentos, especialmente aquele que se automedica.	Dos entrevistados, 69,9% utilizaram medicamentos e destes 76,1% o fizeram através de automedicação. Cefaleia (28,8%) foi a principal queixa motivadora de automedicação. O ácido acetilsalicílico foi a droga mais utilizada (25,4%). Dos fármacos utilizados na automedicação, 51,2% foram indicados por terceiros e metade dessas indicações eram prescrições médicas emitidas em consultas anteriores.	Idade, grau de escolaridade e acompanhamento médico periódico correlacionaram-se significativamente com automedicação.

Autor / ano	Título do estudo	Local	Tipo de estudo	Participantes	Objetivo	Resultados	Conclusão
Loyola Filho et al, 2005	<i>Estudo de base populacional sobre o consumo de medicamentos entre idosos: Projeto Bambuí.</i>	Bambuí (MG)	Estudo transversal	1.606 idosos residentes na cidade de Bambuí, Minas Gerais, Brasil.	Investigar a prevalência e fatores associados ao consumo de medicamentos prescritos e não prescritos entre idosos (60 anos ou mais).	Entre os participantes, 79,7% e 17,1% haviam consumido medicamentos prescritos e não prescritos nos últimos noventa dias, respectivamente. O consumo de medicamentos prescritos esteve associado ao sexo feminino, idade (70-79 e > 80 anos), renda familiar (maior), estado de saúde (pior) e número de consultas médicas (maior). O uso de medicamentos não prescritos apresentou associação negativa com consulta médica e associação positiva com sexo (feminino) e consulta a um farmacêutico. Os fatores associados ao consumo de medicamentos prescritos e não prescritos verificados neste trabalho foram semelhantes aos observados em estudos conduzidos em outros países. Diferentemente deles, nosso estudo mostrou um menor consumo de medicamentos prescritos entre idosos com pior situação socioeconômica.	Os tipos de medicamentos prescritos e não prescritos para a população idosa estudada são muito semelhantes aos observados em países desenvolvidos, assim como os fatores associados a essas práticas. Todavia, dois resultados chamam atenção: (1) a associação entre a pior situação socioeconômica e o menor uso de medicamentos prescritos e (2) os indícios sugestivos de que a automedicação possa estar substituindo a atenção formal à saúde entre idosos.
Sá, Barros e Sá, 2007	<i>Automedicação em idosos na cidade de Salgueiro-PE</i>	Salgueiro (PE)	Estudo de corte transversal.	355 indivíduos com idade de 60 anos e mais, responderam a um questionário.	Identificar os determinantes associados ao perfil da automedicação na população de idosos de 60 anos e mais, no município de Salgueiro / Pernambuco / Brasil.	44,9% dos entrevistados encontravam-se na faixa etária de 60-70 anos, 69,8% eram do sexo feminino, 53,1% eram analfabetos e 40,7% tinham o primeiro grau incompleto, sendo 77,7% aposentados. Entre os que faziam uso de medicamentos sem receita médica houve predomínio de analgésicos (30%) e antipiréticos (29%). Entre os motivos mais frequentes apresentados, e que levavam os indivíduos a tomar remédios por conta própria, a dor tem o maior índice (38,3%), seguida de febre (24,4%), diarreia (8,0%), pressão alta (8,0%) e tosse (5,2%). Houve associação entre a ausência de atividade física e automedicação.	Existe grande prevalência da automedicação neste grupo, sendo os analgésicos e os antipiréticos os mais utilizados; a dor é o sintoma que mais leva à automedicação; os idosos sedentários se automedicam mais que os praticantes de atividade física.

Autor / ano	Título do estudo	Local	Tipo de estudo	Participantes	Objetivo	Resultados	Conclusão
Silva, Marques e Goes, 2008	<i>Fatores associados à automedicação em dor de dente: análise a partir dos profissionais dos estabelecimentos farmacêuticos da cidade do Recife, PE.</i>	Recife (PE)	Estudo de corte transversal de base populacional	Foram entrevistados 179 profissionais da área de dispensação de medicamentos de farmácia.	Descrever os fatores associados à automedicação relacionada à dor de dente na cidade do Recife, Pernambuco, Brasil.	67,0% dos entrevistados atenderam pessoas que relataram dor facial nos últimos seis meses, e uma frequência de 91,6% relataram dor de dente; 83,7% homens e 73,3% mulheres indicaram medicamentos sem prescrição; profissionais com 2º grau indicam mais medicamentos sem prescrição para pacientes com dor de dente (48,6%).	É comum a procura de medicamentos sem prescrição para dor de modo geral, entre estas a dor de dente. O impacto da dor de dente na utilização de medicamentos reforça a necessidade de informar a população sobre o uso adequado destes medicamentos.
Vitor et al., 2008	<i>Padrão de consumo de medicamentos sem prescrição médica na cidade de Porto Alegre, RS.</i>	Porto Alegre (RS)	Estudo observacional, transversal, descritivo e prospectivo	742 pessoas com idades que variavam entre os 18 e 70 anos, residentes em Porto Alegre, RS.	Descrever o padrão de consumo de medicamentos sem prescrição médica na cidade de Porto Alegre, RS, entre os meses de janeiro e fevereiro de 2007.	Houve um predomínio (57,54%) de mulheres na amostra estudada. Em relação à influência de meios de comunicação para optar por um fármaco, a maioria (76,28%) não é sugestionada por tais meios. Em relação à variável número de consultas médicas, nos últimos doze meses verificou-se que a maioria (26,81%) consultou duas vezes.	Os dados encontrados confirmam a importância do estudo da automedicação e apoiam a hipótese da ingênua e excessiva crença da sociedade atual no poder dos medicamentos.

Autor / Ano	Título do Estudo	Local	Tipo de estudos	Participantes	Objetivos	Resultados	Conclusão
Barros, Griep e Rotenberg, 2009	<i>Automedicação entre os trabalhadores de enfermagem de hospitais públicos.</i>	Rio de Janeiro (RJ)	Estudo epidemiológico transversal	1509 trabalhadores de enfermagem.	Investigou a prevalência de automedicação e fatores associados entre trabalhadores de enfermagem	A prevalência de automedicação foi 24,2%, o grupo anatômico mais referido foi o sistema nervoso e o grupo terapêutico mais empregado foram os analgésicos. A prevalência foi mais alta entre os mais jovens, aqueles com distúrbios psíquicos menores, não hipertensos, os que não faziam exercícios físicos, os que referiram doença ou ferimento nos últimos 15 dias, aqueles com maior número de doenças autodiagnosticadas, enfermeiros, de vínculo temporário, e os que referem maior envolvimento com o trabalho.	A automedicação é prática frequente na equipe de enfermagem e está associada a diversos fatores que deveriam ser considerados em estratégias que buscam melhores condições de saúde entre eles.
Beckhauser et al, 2010	<i>Utilização de medicamentos na Pediatria: a prática de automedicação em crianças por seus responsáveis.</i>	Tubarão, Santa Catarina (SC)	Estudo transversal	121 crianças com idade entre 6 meses e 14 anos.	Conhecer o perfil da automedicação em crianças moradoras de uma cidade da região Sul do Brasil.	Foram coletadas informações de 121 crianças (6 meses a 14 anos), destes, 75% afirmaram já ter praticado a automedicação, sendo as mães responsáveis por 95% desses casos. Quanto à motivação, praticidade (88%), febre (58%) e dor (12%) foram as mais relatadas. O paracetamol (45%) e a dipirona (15%) foram os fármacos mais utilizados. A análise estatística evidenciou associação entre a reutilização de antigas prescrições e a idade da criança inferior a sete anos, bem como a utilização de medicamentos sem prescrição de profissional habilitado.	A automedicação é uma prática frequente na população investigada, sendo geralmente mais comum em crianças de até 7 anos e realizada principalmente pelas mães; esse fato sugere a necessidade de promover educação em saúde que vise à promoção do uso racional de medicamentos.

Autor / ano	Título do estudo	Local	Tipo de estudo	Participantes	Objetivo	Resultados	Conclusão
Schmid, Bernal e Silva, 2010	<i>Automedicação em adultos de baixa renda no município de São Paulo.</i>	São Paulo (SP)	Estudo transversal	2.921 indivíduos	Estimar a proporção de automedicação em adultos de baixa renda e identificar fatores associados.	A proporção de automedicação foi de 27% a 32%. Automedicação esteve associada à morbidade aguda, ao acesso ao medicamento por compra, à idade menor que 47 anos e medicamentos do grupo terapêutico que atuam no sistema nervoso central.	O acesso gratuito aos medicamentos mostrou ser o fator de proteção para a automedicação. A distribuição de medicamentos e o atendimento adequado devem ser considerados para orientação e redução dos riscos que o uso irracional de medicamentos pode gerar à saúde.
Souza et al., 2011	<i>Prevalência e caracterização da prática de automedicação para alívio da dor entre estudantes universitários de enfermagem.</i>	Goiás (GO)	Estudo epidemiológico seccional	211 estudantes de uma universidade pública de Goiás, Brasil.	Estimar a prevalência de automedicação entre estudantes universitários de enfermagem com dor e caracterizar a experiência dolorosa e o alívio obtido, por meio dos fármacos utilizados.	A dor e o alívio foram medidos por meio de escala numérica (0-10). A prevalência de automedicação foi de 38,8%. A fonte geradora e o fator determinante foram o próprio estudante (54,1%) e a falta de tempo para ir ao médico (50%). A dipirona foi o analgésico mais utilizado (59,8%) e o alívio da dor classificado como bom.	A prevalência da automedicação foi maior do que as observadas em estudos semelhantes e, para muitos estudantes, o alívio foi bom, fato que pode retardar a elucidação do diagnóstico e o tratamento adequado da dor.
Brum et al., 2011	<i>Utilização de medicamentos por gestantes usuárias do Sistema Único de Saúde no município de Santa Rosa (RS, Brasil).</i>	Santa Rosa (RS)	Estudo descritivo	470 gestantes em pré-natal.	Descrever a utilização de medicamentos por gestantes em pré-natal em três Unidades Básicas de Saúde (UBS) do Sistema Único de Saúde (SUS) no município de Santa Rosa, Rio Grande do Sul, Brasil.	A prevalência do uso de medicamentos foi de 90%, correspondendo a uma média de uso de 4,1 medicamentos por gestante, dos quais 83,6% foram prescritos e 16,4% foram utilizados por automedicação. Do total de medicamentos, 17,5% estão incluídos na categoria C de risco ao feto.	O uso de medicamentos é frequente, e a maioria das gestantes utilizou um ou mais fármacos prescritos ou não prescritos. Esses dados sugerem a necessidade de medidas de intervenção para promover o uso racional de medicamentos durante a gestação.

Autor / Ano	Título do estudo	Local	Tipo de estudo	Participantes	Objetivo	Resultados	Conclusão
Medeiros, Pereira e Medeiros, 2011	<i>Vigilância em saúde na enfermagem: o caso das medicações sem prescrição em crianças.</i>	Passagem, Rio Grande do Norte (RN)	Estudo descritivo	20 mães de crianças menores de 10 anos cadastradas no programa de Crescimento e Desenvolvimento da Unidade de Saúde da Família do município de Passagem, interior do Rio Grande do Norte.	Descrever os motivos que levaram as mães a administrarem medicações sem prescrição profissional a seus filhos.	Entre as 20 mães entrevistadas, 30% automedicaram seus filhos com antipirético, 50% automedicaram devido à febre, 43% foram motivadas pela experiência anterior e 90% não relataram efeitos adversos.	A automedicação na população infantil reforça a necessidade de um melhor esclarecimento às mães sobre os riscos da automedicação.
Oliveira et al., 2012	<i>Automedicação em idosos residentes em Campinas, São Paulo, Brasil: prevalência e fatores associados.</i>	Campinas, São Paulo (SP)	Estudo transversal	1.515 idosos (≥ 60 anos) não institucionalizados, residentes em área urbana no Município de Campinas.	Avaliar a prevalência e fatores associados à automedicação em idosos e identificar os principais fármacos consumidos sem prescrição.	Dos 1.515 idosos, 80,4% referiram uso de pelo menos 1 medicamento nos 3 dias anteriores à pesquisa. Desses, 91,1% relataram consumo exclusivo de medicamentos prescritos e o restante, uso simultâneo de prescritos e não prescritos. Os fármacos sem prescrição mais consumidos foram dipirona, AAS, diclofenaco, ginkgo biloba, paracetamol e homeopáticos.	Entre idosos, a assistência farmacêutica deve ser priorizada para evitar o uso incorreto de medicamentos e garantir o acesso aos fármacos necessários ao tratamento.
Galato, Madalena e Pereira, 2012	<i>Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação.</i>	Florianópolis (SC)	Estudo transversal	342 universitários das diferentes áreas de formação.	Investigar a influência da área de formação de universitários na prática da automedicação.	37% se automedicaram nos últimos 15 dias. O problema de saúde mais comum foi a dor em geral, adotando-se principalmente analgésicos e antitérmicos. Ser mulher e possuir plano de saúde associaram-se a automedicação e ser da área de saúde não está associado à prevalência desta prática. Contudo, identificou-se que a influência da propaganda, de prescrições antigas, de farmacêuticos ou funcionários da farmácia e de amigos, vizinhos e familiares são significativas em universitários que não são da área de saúde. Na área da saúde, o conhecimento é mais significativo.	Automedicação é comum nesta população, não houve diferença em função da área de formação.

Autor / ano	Título do estudo	Local	Tipo de estudo	Participantes	Objetivo	Resultados	Conclusão
Cruz et al., 2014	<i>Uso de medicamentos entre crianças de 0-14 anos: estudo de base populacional.</i>	Minas Gerais (MG)	Estudo descritivo e exploratório.	555 entrevistas a responsáveis de crianças de 0 – 14 anos.	Determinar a prevalência do consumo de medicamento em crianças e adolescentes de 20 municípios do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais-Brasil, mostrando os principais grupos e variáveis que possam ter influenciado o uso.	A prevalência de consumo de medicamentos foi 56,57%. O uso de plantas medicinais foi de 72,9% (consumo de medicamento). As situações de saúde para o consumo foram tosse, resfriado comum, gripe, congestão nasal ou broncoespasmo; febre; cefaleia; diarreia, "má digestão" e cólica abdominal. Na automedicação, 30,57% dos medicamentos foram indicados pela mãe, e 69,42% de prescrições médicas. Destaca-se na automedicação o uso de paracetamol, dipirona e antigripais. E um maior uso de analgésicos/antipiréticos.	A prevalência do consumo de medicamentos na população infantil foi alta, indicando a necessidade de formulação de programas educativos visando principalmente à conscientização dos cuidadores sobre o uso racional.
Domingues et al., 2017	Prevalência e fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal: estudo transversal de base populacional*	Distrito Federal (DF)	Estudo transversal	1.820 adultos (18 a 65 anos) residentes no Distrito Federal (DF).	Estimar a prevalência e investigar fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal, Brasil.	Dos 1.820 entrevistados, 646 usaram pelo menos um medicamento; a prevalência da automedicação foi de 14,9%; a análise apontou associação negativa em pessoas na idade de 50 a 65 anos e com doenças crônicas; os adultos com dificuldades na prática de atividades cotidianas realizaram mais automedicação.	A automedicação foi maior em adultos jovens e naqueles com dificuldades na realização de atividades cotidianas.
Gama e Secoli, 2017	Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas – Brasil	Amazonas (AM)	Estudo transversal	116 estudantes de enfermagem de uma universidade pública do Estado do Amazonas – Brasil.	Determinar a prevalência e os fatores associados à automedicação entre estudantes de enfermagem.	A prevalência da automedicação foi de 76%, motivada pela percepção de que o problema de saúde não requeria visita ao médico. Metade dos estudantes relataram queixas algicas. Os grupos farmacológicos mais consumidos foram anti-inflamatórios não esteroides e antibióticos. O desconhecimento das implicações negativas da prática da automedicação foi associado à automedicação.	A alta prevalência de automedicação, além de poder levar a reações adversas retrata também o uso irracional de medicamentos pelos estudantes, especialmente, quando considerado o papel destes futuros profissionais na segurança do paciente.

6 DISCUSSÃO

Nos últimos 20 anos, diversos estudos se propuseram a compreender as principais mudanças ocorridas acerca da automedicação no Brasil, bem como encontrar a sua prevalência no país. A presente revisão encontrou diversos estudos acerca do tema, conseguindo traçar a prevalência da população que se automedica no Brasil.

Nossos resultados vão de encontro a diversos estudos achados na literatura. Almeida-Junior, Kamonseki e Rostelato-Ferreira (2016) e Silva et al. (2013), também encontraram em seus estudos que a população feminina é a que mais se automedica. Uma justificativa plausível para esse achado é que a mulher realiza mais o autocuidado, então o estresse, o cansaço de uma possível tripla jornada de trabalho diária (emprego, cuidados domésticos e familiares), a dificuldade e falta de tempo para se obter consultas nos serviços de saúde e fácil acesso aos medicamentos, são fatores que contribuem para a maior utilização de medicamentos por essa população.

Loyola Filho et al. (2005), afirmam que a escolaridade é um fator altamente influente para a automedicação. Para ele quanto maior a escolaridade, maior é o índice da automedicação, que aumenta também conforme a renda. Santos et al. (2013) também encontra correlação entre a escolaridade e a prática da automedicação, mas ao contrário dos nossos achados, para ele, quanto menor a escolaridade, maior a realização dessa prática.

Ao se falar do critério de escolaridade e renda, a automedicação pode ser justificada ao analisar fatores como: maior conhecimento acerca dos medicamentos, maior poder aquisitivo disponível para a compra dos mesmos, a busca pelo bem estar físico e mental, autonomia crítica para a tomada de decisões sobre a própria saúde.

Pereira et al. (2007) em um estudo anterior ao dessa revisão, já relatavam que os principais responsáveis e indutores da automedicação de crianças são as mães, e que os principais medicamentos administrados seriam os analgésicos, antipiréticos e anti-inflamatórios, confirmando os achados dos autores dessa revisão. Assim como ele, Urbano et al. (2010), encontrou que as mães foram as maiores responsáveis pela a automedicação de seus filhos.

Souza et al. (2013), afirmam em sua pesquisa que as mães foram responsáveis pela a automedicação de seus filhos, encontrando um alta prevalência nesse público. Os medicamentos mais utilizados por elas foram os analgésicos, antipiréticos, musculoesquelético e anti-infecciosos de uso sistêmico.

Os achados sobre a automedicação em crianças mostram a realidade incisiva da participação das mães como principal agente na automedicação infantil. A prática do uso de medicamentos sem receituário médico é uma associação perigosa, podendo ser letal nessa população. Tal prática mostra o desconhecimento das mães ou responsáveis, frente a posologia, efeito colateral e contraindicação dos medicamentos utilizados em seus filhos.

Outros fatores importantes que estão ligados a esse contexto é o uso de receituários médicos antigos, possuir o medicamento em casa, aproveitar a receita do irmão mais velho, influência da TV e a aceitação de sugestões de balconistas de farmácias, familiares e vizinhos. Todo esse aparato faz com que as mães continuem automedicando seus filhos.

Galato, Madalena e Pereira (2012) realizaram sua pesquisa também com estudantes universitários e assim como os autores de estudos da nossa revisão, encontrou um alto índice de automedicação entre eles, sua maioria eram também do sexo feminino, com idade variando entre os 18 a 49 anos. Na pesquisa de Fontanella, Galato e Remor (2013), os medicamentos mais utilizados pelos estudantes universitários pertenciam ao grupo dos analgésicos e antipiréticos, que são medicamentos de fácil acesso e livre compra. O sintoma que mais motivou a prática da automedicação entre eles foi a cefaleia.

A automedicação entre os estudantes universitários é bastante frequente, principalmente porque esses estudantes enfrentam uma dura rotina de estudo, que na maioria das vezes é exaustiva. A falta de tempo para buscarem uma consulta médica, a utilização de prescrições anteriores e o conhecimento de alguns contribui para a automedicação.

O empoderamento que esses estudantes possuem, somados ao acúmulo de conhecimentos, adquirido na graduação ou em experiências vividas, gera uma maior confiança na hora de se automedicarem, o que faz com essa prática seja realizada de forma natural.

Garcez, Souza e Brito (2012), buscaram levantar as classes de medicamentos mais utilizados sem prescrição médica em drogarias e encontrou que a classe terapêutica mais consumida foram os analgésicos com 23%. Segundo Ivannissevich (1994), os fármacos mais acessíveis e os mais usados em todo mundo são os analgésicos, anti-inflamatórios e descongestionantes nasais, onde os princípios ativos são dipirona, diclofenaco e paracetamol, justificando ser acessível devido à facilidade de sua aquisição.

O estudo de Sá, Barros e Sá (2007), relata que sintomas como febre, dores, diarreia e tosse são os principais indutores da automedicação, pois as medicações utilizadas para esses sintomas possuem sua facilidade na hora da compra, não necessitando prescrição. Vilarino et al. (1998) também encontra a cefaleia como a principal queixa motivadora da automedicação e ácido acetilsalicílico foi o medicamento mais utilizado.

Para Ribeiro et al. (2010), os principais sintomas que levam a automedicação são a dores gerais, dores de cabeça e febre. Essas classes de medicamentos citadas possuem como efeito o alívio da dor, inflamação e redução de temperatura. Esses medicamentos que são considerados seguros, não necessitando de prescrição médica, por estarem disponíveis facilmente em gôndolas e balcões de farmácias, se fizerem presentes em pequeno estoque como “farmacinha” dentro do domicílio, representam um meio prático e rápido para a melhoria de queixas consideradas pela população como simples e sem maiores complicações dentre elas a dor de cabeça, cólicas intestinais e menstruais, dor muscular facilitando assim a automedicação.

Por se tratarem de medicamentos com fácil acesso e não necessitarem de prescrição, a população os consideram seguros para o uso, esquecendo-se que se usados erroneamente, podem ocasionar danos à saúde.

O papel do farmacêutico exercendo a sua função em contato direto com a população, através da Assistência Farmacêutica seria de elevada importância para a população. Além da assistência farmacêutica a venda fracionada pode ser utilizada como uma alternativa para ajudar no combate ao uso indevido de medicamentos, isso propicia o acesso aos medicamentos, aumentaria as chances de adesão ao tratamento e ainda evitaria o desperdício.

Outro fator que pode ser utilizado para minimizar a prática da automedicação é a educação em saúde tanto para a população em geral como para os profissionais da área de saúde. As universidades devem sempre se dedicar na formação crítica dos profissionais, gerando em cada um deles a função de orientador de seus pacientes.

Nos dias de hoje, é indispensável a criação de medidas educativas e que conscientizem a população quanto a utilização correta dos medicamentos, já que sabemos dos diversos riscos inerentes ao uso dos mesmos e preparar o profissional para orientar a sociedade além de incentivar o profissional farmacêutico a buscar capacitação e atualização, para que ele assim ofereça uma atenção farmacêutica de qualidade.

A inserção de leis rigorosas que regulassem a propaganda nos meios de comunicação de forma concreta, seria outro fator de ajuda para minimizar a automedicação, pois obrigando as indústrias farmacêuticas a difundirem informações éticas e claras sobre os perigos da automedicação, se conseguiria reduzir os danos causados pelos medicamentos.

Deveria existir também uma maior rigidez para o cumprimento de leis e portarias que punem balconistas e proprietários de farmácias que efetuam a “empurroterapia” para a população, essa prática é uma das causas que contribuem para o aumento do número de vítimas por reações adversas, intoxicação e envenenamento em nosso país.

Inúmeras são as alternativas de minimizar a automedicação e seus efeitos, se faz necessário somente uma efetiva fiscalização e a educação em saúde da população.

7 CONCLUSÃO

Encontramos na presente revisão que população adulta jovem se automedica mais que idosos, que a prevalência de automedicação em gestantes em pré-natal é baixa e que em crianças e estudantes universitários esta é elevada.

Acerca da prevalência da automedicação no Brasil, ainda existem poucos estudos a respeito do tema, isso limita possíveis evidências e pode ser um possível viés para esse estudo.

Nos últimos 20 anos, houve um acréscimo na prevalência da automedicação na população brasileira, mas o perfil das pessoas que fazem uso de medicamentos sem prescrição não mudou. Identificou-se também nesse estudo que esse aumento deu-se através da influência de mídias digitais, internet, propagandas, expansão das indústrias farmacêuticas, aumento de princípios ativos e formas farmacêuticas, além da facilidade e livre comércio de alguns medicamentos.

Atualmente a automedicação no Brasil continua sendo um problema de saúde pública, por isso faz-se necessário alertar a população sobre os riscos que essa prática oferece, conscientizando-a quanto aos danos que podem causar no organismo e utilizando-se de práticas de educação em saúde.

Assim, conclui-se que ainda existe a necessidade da realização de estudos que relatem melhor a automedicação no Brasil, para que se possa realizar comparações e se amplie o conhecimento sobre essa prática.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA-JUNIOR, Geraldo de; KAMONSEKI, Danilo Harudy; ROSTELATO-FERREIRA, Sandro. Perfil de automedicação no município de São Miguel Arcanjo/ SP. **Revista de Saúde Pública do Paraná**, Londrina, v. 17, n. 2, p.93-100, Não é um mês valido! 2016.
- ANÔNIMO. Automedicação. [Editorial]. **Revista da Associação Médica Brasileira**, [s.l.], v. 47, n. 4, p.269-270, dez. 2001.
- AQUINO, Daniela Silva de. Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade? **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 13, p.733-736, abr. 2008.
- ARRAIS, Paulo Sérgio D. et al. Perfil da automedicação no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, [s.l.], v. 31, n. 1, p.71-77, fev. 1997.
- ARRAIS, Paulo Sérgio Dourado et al. Prevalence of self-medication in Brazil and associated factors. **Revista de Saúde Pública**, [s.l.], v. 50, n. 2, p.1-11, 2016.
- BARROS, Aline Reis Rocha; GRIEP, Rosane Harter; ROTENBERG, Lúcia. Self-medication among nursing workers from public hospitals. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, [s.l.], v. 17, n. 6, p.1015-1022, dez. 2009.
- BECKHAUSER, Gabriela Colonetti et al. Utilização de medicamentos na Pediatria: a prática de automedicação em crianças por seus responsáveis. **Revista Paulista de Pediatria**, [s.l.], v. 28, n. 3, p.262-268, set. 2010.
- BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Caderno do professor. Projeto educação e promoção da saúde no contexto escolar: o contributo da Agência Nacional de Vigilância Sanitária para o uso racional de medicamentos**. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. – Brasília: Anvisa, 2007. 80p.
- BRUM, Lucimar Filot da Silva et al. Utilização de medicamentos por gestantes usuárias do Sistema Único de Saúde no município de Santa Rosa (RS, Brasil). **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 5, p. 2435-2442, mai. 2011.
- CRUZ, Maria J.B. et al. Medication use among children 0-14 years old: population baseline study. **J. Pediatr. (Rio J.)**, Porto Alegre, v. 90, n. 6, p. 608-615, dez. 2014.
- DOMINGUES, Paulo Henrique Faria et al. Prevalence of self-medication in the adult population of Brazil: a systematic review. **Revista de Saúde Pública**, [s.l.], v. 49, p.1-8, 2015.
- DOMINGUES, Paulo Henrique Faria et al. Prevalência e fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal: estudo transversal de base populacional*. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, [s.l.], v. 26, n. 2, p.319-330, mar. 2017.

- FONTANELLA, Fernanda Góss; GALATO, Dayani; REMOR, Karina Valerim Teixeira. Perfil de automedicação em universitários dos cursos da área da saúde em uma instituição de ensino superior do sul do Brasil. **Rev. Bras. Farm**, São Paulo - Sp, v. 2, n. 94, p.154-160, 2013.
- GALATO, Dayani et al. Responsible self-medication: review of the process of pharmaceutical attendance. **Brazilian Journal of Pharmaceutical Sciences**, [s.l.], v. 45, n. 4, p.625-633, dez. 2009.
- GALATO, Dayani; MADALENA, Jaqueline; PEREIRA, Greicy Borges. Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 17, n. 12, p.3323-3330, dez. 2012.
- GAMA, Abel Santiago Muri; SECOLI, Silvia Regina. Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas – Brasil. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, [s.l.], v. 38, n. 1, p.1-7, 2017.
- GARCEZ, e A M; SOUZA, K S; BRITO, A F. Classes terapêuticas mais consumidas no município de ceres-go no ano de 2012. **Jic - Jornada de Pesquisa e Iniciação Científica**, São Paulo, v. 3, n. 3, p.1-11, 2012.
- GONÇALO, Camila da Silva et al. Planejamento e execução de revisões sistemáticas da literatura. **Brasília Med**, Brasília, v. 49, n. 2, p.104-110, 2012.
- GOULART, Ivana da Cruz et al. Automedicação em menores de cinco anos em municípios do Pará e Piauí: prevalência e fatores associados. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, [s.l.], v. 12, n. 2, p.165-172, jun. 2012.
- IVANNISSEVICH, A. Os perigos da automedicação. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 23, jan., 1994.
- KOVACS, Fabiana Thais; BRITO, Maria de Fátima de Medeiros. Percepção da doença e automedicação em pacientes com escabiose. **Anais Brasileiros de Dermatologia**, [s.l.], v. 81, n. 4, p.335-340, ago. 2006.
- LEITE, Silvana Nair; VIEIRA, Mônica; VEBER, Ana Paula. Estudos de utilização de medicamentos: uma síntese de artigos publicados no Brasil e América Latina. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 13, n., p.793-802, abr. 2008.
- LOPES, Noémia Mendes. Automedicação: algumas reflexões sociológicas. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Oeiras, n. 37, p. 141-165, nov. 2001.
- LOYOLA FILHO, Antônio I. de et al. Estudo de base populacional sobre o consumo de medicamentos entre idosos: Projeto Bambuí. **Cadernos de Saúde Pública**, [s.l.], v. 21, n. 2, p.545-553, abr. 2005.
- MEDEIROS, Renata Araújo de; PEREIRA, Vioska Gomes; MEDEIROS, Soraya Maria de. Vigilância em saúde na enfermagem: o caso das medicações sem prescrição em crianças. **Escola Anna Nery**, [s.l.], v. 15, n. 2, p.233-237, jun. 2011.

OLIVEIRA, Marcelo Antunes de et al. Automedicação em idosos residentes em Campinas, São Paulo, Brasil: prevalência e fatores associados. **Cadernos de Saúde Pública**, [s.l.], v. 28, n. 2, p.335-345, fev. 2012.

OLIVEIRA, André Vitorio Câmara de; ROCHA, Frederico Theobaldo Ramos; ABREU, Sílvio Romero de Oliveira. Acute liver failure and self-medication. **Abcd. Arquivos Brasileiros de Cirurgia Digestiva (São Paulo)**, [s.l.], v. 27, n. 4, p.294-297, dez. 2014.

PEREIRA, Francis S. V. T. et al. Automedicação em crianças e adolescentes. **J. Pediatr.** (Rio J.), Porto Alegre, v. 83, n. 5, p. 453-458, Oct. 2007.

PROLUNGATTI, Camila Nogueira et al. Use of analgesic and anti-inflammatory drugs before assistance in a children's first aid unit. **Revista Dor**, [s.l.], v. 15, n. 2, p.96-99, 2014.

RIBEIRO, Maria Isabel et al. Prevalência da automedicação na população estudantil do Instituto Politécnico de Bragança. **Rev. Port. Sau. Pub.**, Lisboa, v. 28, n. 1, p. 41-48, 2010.

SÁ, Mirivaldo Barros e; BARROS, José Augusto Cabral de; SÁ, Michel Pompeu Barros de Oliveira. Automedicação em idosos na cidade de Salgueiro-PE. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, [s.l.], v. 10, n. 1, p.75-85, mar. 2007.

SANTOS, Thalyta Renata Araújo et al. Consumo de medicamentos por idosos, Goiânia, Brasil. **Revista de Saúde Pública**, [s.l.], v. 47, n. 1, p.94-103, fev. 2013.

SCHMID, Bianca; BERNAL, Regina; SILVA, Nilza Nunes. Automedicação em adultos de baixa renda no município de São Paulo. **Revista de Saúde Pública**, [s.l.], v. 44, n. 6, p.1039-1045, dez. 2010.

SILVA, Rafaella Arcoverde; MARQUES, Flávia Duarte; GOES, Paulo Sávio Angeiras de. Fatores associados à automedicação em dor de dente: análise a partir dos profissionais dos estabelecimentos farmacêuticos da cidade do Recife, PE. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, supl. p. 697-701, abr. 2008.

SILVA, José Antônio Cordero da et al. Prevalência de automedicação e os fatores associados entre os usuários de um Centro de Saúde Universitário*. **Rev Bras Clin Med**, São Paulo, v. 11, n. 1, p.27-30, 2013.

SOUSA, Hudson W. O.; SILVA, Jennyff L.; S. NETO, Marcelino. A importância do profissional farmacêutico no combate à automedicação no Brasil. **Revista Eletrônica de Farmácia**, [s.l.], v. 5, n. 1, p.67-72, 25 ago. 2008.

SOUZA, Layz Alves Ferreira et al. The prevalence and characterization of self-medication for obtaining pain relief among undergraduate nursing students. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, [s.l.], v. 19, n. 2, p.245-251, abr. 2011.

SOUZA, Mirela S. et al. Automedicação em crianças que procuram o serviço de emergência em um hospital no sul do Brasil. **Rev. Bras. Farm.**, Rio de Janeiro, v. 94, n. 1, p.54-58, 2013.

TELLES FILHO, Paulo Celso Prado; PEREIRA JÚNIOR, Assis do Carmo. Automedicação em crianças de zero a cinco anos: fármacos administrados, conhecimentos, motivos e justificativas. **Escola Anna Nery**, [s.l.], v. 17, n. 2, p.291-297, jun. 2013.

URBANO, Ayra Zaine Rodrigues et al. Automedicação infantil: o uso indiscriminado de medicamentos nas cidades de Santos e São Vicente. **Revista Ceciliana**, Santos - Sp, v. 2, n. 2, p.6-8, 2010.

VILARINO, Jorge F. et al. Perfil da automedicação em município do Sul do Brasil. **Revista de Saúde Pública**, [s.l.], v. 32, n. 1, p.43-49, fev. 1998.

VITOR, Ricardo Sozo et al. Padrão de consumo de medicamentos sem prescrição médica na cidade de Porto Alegre, RS. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, supl. p. 737-743, abr. 2008.